



VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 18 a 20 de setembro de 2014

ISSN 1982-3657



A IMPORTÂNCIA DE RECONHECER QUE É ENSINANDO QUE SE APRENDE[\[i\]](#)

Pércia Alves Silva[\[ii\]](#)

Aline Patrícia Sobral dos Santosⁱⁱⁱ

Eixo temático 19: “Educação e Ensino de Ciências Humanas e Sociais”

RESUMO:

Este artigo corresponde ao relato de experiência de uma das atividades da disciplina Estágio Supervisionado em Filosofia 4 da Universidade Federal de Alagoas. Nele, objetivamos relatar as vivências de uma professora-monitora de Filosofia em uma escola pública estadual da cidade de Maceió, que ainda encontra-se na graduação. Um dos aspectos que o trabalho apresentará é a necessidade de se ter educadores de filosofia em sala de aula que ajudem na formação crítica de seus educandos, como seres sociais capazes de transformar não somente a si, mas o mundo em que vivem. Diante dos perfis e das carências dos estudantes que encontram-se nas instituições educacionais, principalmente as públicas, percebemos que é imprescindível a exigência de se pensar estratégias didáticas capazes de corresponder aos desafios imposto pelo cotidiano dos alunos. Como a prática é iluminada pela teoria, seguem os nomes dos autores que fundamentaram as questões presentes aqui abordadas: Cerletti (2004), Freire (1983), Freire (1996), Gallo (2012), LDB (1996), MEC – Orientações Curriculares para o ensino médio (2006), Lima (2010), Libâneo (2010), Libâneo (2013), Lorieri (2002), Ludke e André (1986), Melo (2012) e Rodrigo (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Filosofia. Estágio Supervisionado. Relato de experiência.

ABSTRACT

This paper presents an experience report of an activity developed during the discipline of Supervised Internship in Philosophy 4 in the Federal University of Alagoas. The main purpose of the paper is to report the experiences of an undergraduate student when working as teacher assistant in a public school from Maceió. This work argues the need to have Philosophy teachers in the classroom. They should help in the critical education of their students, as social beings able to transform the world where they live. Given the profiles and the needs of the students, we noticed that it is essential to require thinking about teaching strategies to deal with the challenges daily faced by them. The following authors grounded the issues addressed in this paper: Cerletti (2004), Freire (1983), Freire (1996), Gallo (2012), LDB (1996), MEC – Curriculum Guidelines for Secondary Education (2006), Lima (2010), Libâneo (2010), Libâneo (2013), Lorieri (2002), Ludke and André (1986), Melo (2012) and Rodrigo (2009).

KEYWORDS:

Teaching Philosophy. Supervised Internship. Experience Report.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído a partir das primeiras vivências empíricas em sala de aula de uma professora de filosofia do ensino médio em uma escola pública na cidade de Maceió, entre os meses de Setembro a Dezembro de 2013, no período da tarde.

É importante ressaltar que a construção desse trabalho faz parte do processo de ensino-aprendizagem da disciplina Estágio Supervisionado em Filosofia 4 do Curso de Filosofia/UFAL, que tem como um dos objetivos ajudar na formação dos futuros professores por meio do processo de reflexão sobre teoria-prática e, assim, socializar os trabalhos e resultados, por meio de escritos e apresentações, tudo o que vivenciamos na fase da regência, objetivando contribuir, também, com a história do ensino de filosofia em Alagoas.

Foram muitos desafios encontrados na sala de aula como professora-monitora e como estagiária. É importante frisar que quase desistimos, mas alguns fatores nos fizeram permanecer e que apresentaremos nesse artigo.

No presente estudo, iremos verificar com Rodrigo (2009) que a desmotivação do aluno é algo esperado para a disciplina filosofia, no início. Porém, não podemos tomar isso simplesmente como algo natural e achar que não é possível modificar o quadro. A problemática da reprovação e desistência dos estudantes serão temas também aqui abordados.

Apresentaremos a importância do professor em tratar o ensino de filosofia como formador no processo de desenvolvimento do indivíduo enquanto um ser social que deve ser crítico e responsável, não somente por si mesmo, mas também pelo outro e pela transformação da sociedade, na qual ele vive necessariamente. Para isso contaremos com ajuda teórica de Libâneo (2010) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394, de 1996).

Aproveitando a oportunidade, iremos abordar a necessidade da disciplina filosofia não ser tratada apenas com a finalidade de preparar o alunado para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Mas, sim, que o bom resultado da prova do ENEM seja consequência de uma boa formação, de um aprendizado significativo para a vida do indivíduo.

Também concordamos com Melo (2012) quando defende a indispensável formação de qualidade do professor de filosofia, para que o mesmo possa agir como mediador entre o aluno e o conteúdo filosófico, principalmente nas escolas da rede pública, propiciando o pensar bem do aluno, como esclarece Lorieri (2002).

Além disso, nos guiamos pelo cuidado que o educador deve ter em não pensar que todo o conteúdo que é trabalhado em sala de aula é assimilado ou compreendido pelo estudante (GALLO, 2012), embora esta deva ser uma preocupação de qualquer professor comprometido política e eticamente (FREIRE, 1996) com os alunos das escolas públicas.

O perfil de alguns alunos será algo que buscaremos trabalhar um pouco, desde aqueles que apresentam traços promissores, quanto aqueles que mesmo apresentando dificuldades na aprendizagem do conhecimento de determinadas disciplinas, mas que independentemente da situação, precisam ser orientados por seus professores.

Veremos também a necessidade de uma didática específica filosófica para se trabalhar com esse saber. Logo, essa didática não deve ser geral nem única, mas algo que deve ser modificada de acordo com as necessidades do processo de ensino-aprendizado, como afirmam Cerletti (2004), Rodrigo (2009) e Libâneo (2013).

Analisaremos que mesmo com o avanço da ciência, a problemática das crenças vinda por meio do senso comum, continua sendo um empecilho para o desenvolvimento autônomo dos estudantes. Daí, surge a necessária contribuição da filosofia, através do trabalho com os conteúdos filosóficos e o desenvolvimento de habilidades de raciocínio, com o objetivo de ultrapassar o senso comum, que é um conhecimento que não passa pela lógica da crítica, da contradição, mas que faz parte do cotidiano dos indivíduos e que, muitas

vezes, eles tomam como dogmas para suas vidas, como esclarece Lima (2010).

Utilizamos como procedimentos metodológicos no trabalho de campo durante a regência de aulas de filosofia a abordagem qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A sala de aula, o professor e a disciplina Filosofia

Por que é mais fácil a gente fazer um relato de experiência quando o professor em foco não é a gente? Pois é o que sentimos nessa fase do estágio de regência, pois nesse momento nós nos encontramos como a protagonista das observações dos procedimentos metodológicos em sala de aula, ou seja, estamos relatando a nossa vivência enquanto estagiária e enquanto professora-monitora, buscando uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, de teoria-prática (FREIRE, 1996).

Nos primeiros dias de experiência na escola, não foram muito bons porque uma coisa é você observar o professor em pé trabalhando, enquanto você só observa; outra coisa é quando esse professor à frente de uma sala de aula é você.

Logo percebemos que o barulho, a gritaria, a falta de respeito por parte dos estudantes é gritante. A maioria deles, não presta atenção na aula, não estão nem aí para o que você está falando.

Então, nesses primeiros dias, só tínhamos vontade de sair da sala e nunca mais voltar. Mas, ao mesmo tempo, sentíamos uma necessidade enorme de permanecer e enfrentar aqueles desafios postos: 1) principalmente, por sentirmos impulsionadas em tornar ensinável o pouco (ou muito) do que aprendemos na Universidade; 2) por acreditarmos que um dos meios para vencer as problemáticas do processo educacional tem a sala de aula como um dos *locus*, ou seja, é preciso enfrentar os problemas de frente e buscar soluções para os mesmos; 3) os jovens que nos deparamos em sala de aula precisam de ajuda, precisam de educadores que acreditem neles e não desistam; 4) por ter consciência que um dia, também fomos uma jovem estudante, que por inúmeras vezes, precisou de ajudar; 5) por ser consciente que também temos muito o que aprender, muito o que construir e que esse processo de ensino-aprendizagem pode e deve ser com os estudantes em sala de aula; 6) por sermos mãe e saber que entre aqueles que ali se encontram cheios de dificuldades, poderia estar minhas filhas. Logo, como professora, não pudemos desistir daquilo que consideramos importante e que vale apenas insistir. Então, decidimos continuar e enfrentar essa realidade desafiadora. Rodrigo (2009), em seu livro "Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio", aborda bem essa dura realidade:

Ao direcionar o foco para outra instância, pensado a educação em sentido mais amplo, o quadro não se torna mais animador; afinal, as representações que os estudantes se fazem de suas necessidades espirituais estão longe de incluir a filosofia. Não é sem razão que os professores do ensino médio identificam como um dos maiores obstáculos ao ensino a falta de interesse dos alunos pela disciplina [...] (2009, p. 36).

Mesmo sabendo que não é possível contar de início com um certo grau de interesse dos alunos pela disciplina filosofia, não podemos nos conformar e achar que isso é natural e que não há nada a fazer para modificar esse quadro.

Certamente, não posso querer ou pensar que todos têm o dever de filosofar, de amar a filosofia, de tê-la como ponto central de suas vidas. A questão não é essa. Pois, aprendemos continuamente através da própria filosofia que esta tem um caráter formador, que abrange uma totalidade de necessidades educacionais, fundamental para o processo da formação humana do indivíduo.

Esse caráter formador que esse saber possui, é uma ferramenta para auxiliar no desenvolvimento intelectual e cognitivo desses estudantes que chegam em sala de aula com dificuldades para o aprendizado, para a compreensão e absorção dos conteúdos, para ler e escrever.

No entanto, a filosofia não se resume somente a autonomia, a investigação, a reflexão, a criatividade, a criticidade, entre tantos outros fatores que são defendidos a todo tempo para justificar a sua presença e sua necessidade enquanto disciplina no ensino médio.

Mas, não podemos esquecer que em muitos casos a disciplina filosofia é utilizada como uma finalidade em si mesma.

Defendemos que este saber formador vai além e quando bem trabalhado, tem o poder de transformar o comportamento e o pensar do indivíduo, não somente para si, mas também para com o outro.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, afirma em relação a contribuição da filosofia para o exercício da cidadania: “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários para o exercício da cidadania” (§1º, inciso III). Mesmo com a alteração da lei para incluir a obrigatoriedade do ensino de Filosofia (Lei n 11.684, de 2008), a justificativa da presença desta disciplina através de sua contribuição para a cidadania ainda permanecer nas finalidades para o ensino médio: “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando [...]” (LDB, 1996, Seção IV, Art. 35, inciso II).

Isto é, entendamos o exercício da cidadania, como uma formação do indivíduo, de respeito, de dever e de reciprocidade com o próximo e com o mundo no qual ele se encontra socialmente; assim, será possível pensar em uma transformação da humanidade.

Ser cidadão não é uma ação política e educativa destinado apenas para alguns jovens, mas destinado a todos. Esses fatores também caracteriza o ensinar filosofia, em uma época em que o individualismo, o egoísmo, a falta de compreensão, de tolerância toma espaço na vida dos indivíduos, desenvolvendo cada vez mais a divisão da sociedade.

Analisemos o posicionamento do educador Libâneo (2010), no que se refere ao exercício de uma cidadania crítica para uma educação de qualidade nas instituições educacionais:

Formação para a cidadania crítica, isto é, um cidadão-trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para integrar o mercado de trabalho. A escola deve continuar investindo na ajuda aos alunos a se tornarem críticos, a se engajarem na luta pela justiça social, a situarem-se competente e criticamente no sistema produtivo (2010, p. 26).

Aproveitando a defesa e o pensar da citação acima sobre a formação do cidadão para a prática efetiva da cidadania, vale também indagar o tratamento de muitas escolas e professores em relação ao ensino de filosofia. Isso porque, tem professores que treinam seus alunos apenas para que os mesmos consigam atingir uma excelente nota para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No entanto, a disciplina filosofia não consiste em preparar o indivíduo visando como finalidade apenas a prova do ENEM, para a entrada do alunado na Universidade. A aprovação no ENEM deve ser o resultado de um aprendizado significativo e formador, não somente para aquela fase da vida do estudante, mas para sua vida toda, ou seja, que os acertos nas questões de filosofia na prova, seja um meio e não um fim do aprendizado para o estudante e para sua formação como cidadão.

Mas, temos consciência que, para que isso possa acontecer, é necessário que se faça um bom trabalho; assim, é necessário uma boa formação para aquele que assumi o papel de mediador entre o conteúdo filosófico e os estudantes, principalmente os das escolas públicas, como expõe Melo (2012).

Analisemos o posicionamento de Gallo (2012) no que se refere ao ensinar filosofia:

Precisamos desconfiar da certeza de que aquilo que é ensinado é apreendido. Ou de que aquilo que é transmitido é assimilado. Já nos tempos bíblicos se dizia que as sementes podem germinar ou não, dependendo do solo em que caem; pois bem: ensinar é como lançar sementes que não sabemos se germinarão ou não. Já

aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo (p. 45-46).

Mais um motivo para o professor de filosofia saber que deve ter cuidado e atenção no momento em que trabalha o conteúdo filosófico, procurando torna-lo acessível aos alunos. Não podemos nos iludir e pensar que aquilo que é dado na matéria, é entendido pelos alunos, ou que estamos trabalhando da forma correta, com os assuntos certos e necessários para as necessidades imediatas dos estudantes.

No entanto, uma das poucas coisas que temos certeza é de que a filosofia precisa ser bem trabalhada, pois mesmo que ela não venha a ter um sentido, um valor igualitário para todos, e certamente não tem, porém em algum momento ela atingirá pelo menos a percepção de um destes alunos, e aí sim, a mesma se fará nova, “produzindo o novo”.

O perfil do aluno de hoje e a filosofia

É do conhecimento de todos que conhecem um pouco da história da filosofia em nosso país, que o seu ensino, antes de ser excluído do currículo escolar no ano de 1971 (Lei nº 5.692/71), não era um saber acessível a todos, como nos dias atuais. As escolas daquela época tinham um público mais elitizado, pois não existia escolas para todos, e os jovens que tinham o privilégio de frequentar as salas de aulas, na maioria das vezes, já traziam consigo um certo nível de conhecimento que fazia parte do convívio familiar e meio social em que estavam inseridos, facilitando o seu processo de aprendizado. O que não é tão comum presenciarmos nos dias hoje, entre nossos estudantes, principalmente nas escolas públicas, onde a falta de recursos para uma educação de qualidade fica a desejar.

Ressaltamos que, em meio a tantas dificuldades de aprendizado, é possível observar em determinados alunos traços promissores presentes. Alguns professores até chegam a realizar comentários do tipo: “Esses alunos aqui têm futuro, eles não nasceram para ser empregado, mas para ser patrão”. Ou seja, existem alunos com um determinado nível de conhecimento e uma certa facilidade de compreensão bastante significativa. Mas, não podemos achar que isso é o suficiente, que não é preciso se preocupar com estes. Ao contrário, esses também precisam ser estimulados para fazer bom uso de suas inteligências. Pois não é tão difícil vermos pessoas dotadas de capacidade e habilidades técnicas, mas que infelizmente não sabem utilizá-las, não sabem fazer bom uso delas.

Em outros casos, existem aqueles que são muito bons em determinadas disciplinas e em outras não, e que também precisam ser orientados.

Voltando a analisar a problemática da desmotivação e a falta de compreensão do aluno para o conteúdo, um fato nos deixou ainda mais incômodos: depois de presenciar que um dos melhores alunos da sala de aula estava passando por essa situação. Isto é, o aluno que nos referimos é do 2º ano e desde que assumimos a sala de aula, foi um dos que mais participou das aulas, levantando questionamentos interessantes, utilizando um vocabulário rico, com palavras e um pensar bem estruturados, bem comportado, assíduo às aulas, leitor e conhecedor das concepções filosóficas de alguns filósofos, mostrando interesse, inclusive, em cursar filosofia na Universidade. Seus colegas chegavam a comentar que ele era o CDF da turma, além de ser o queridinho dos professores.

Porém, um certo dia em que estava com alguns colegas professores, na sala dos professores preparando as cadernetas, esse estudante entrou cabisbaixo ao lado do professor de Física. A princípio, não entendemos a conversa deles, somente depois que ele (aluno) saiu da sala e o professor de Sociologia pediu para o professor de Física para não reprová-lo por ele ser um bom aluno. Em seguida, entrou a professora de Artes e fez o mesmo pedido. Mas, o professor de física se comportar de forma irredutível, afirmando que não ia dar os cinco pontos que ele estava precisando para passar, até porque na prova final, ele só tinha acertado uma questão e que podia até aprová-lo, mas somente depois do conselho de classe. Então, é que pudemos entender que o motivo daquela tristeza do aluno era a possível reprovação na disciplina de Física.

Infelizmente, o número de reprovação não parava ai, pois se isso estava acontecendo com um estudante dedicando as matérias e ao ensino, o que imaginar dos demais colegas que não têm essa preocupação com o saber.

Nesse mesmo dia em que nos encontrávamos na sala dos professores com outros colegas de profissão, pudemos constatar que o quadro de alunos reprovados era enorme, e a reclamação dos educadores pela falta de interesse dos educandos pelo ensino também. Estes comentavam que uma grande parte dos alunos não tinham o conhecimento e a capacidade mínima dos conteúdos para passar para as séries seguintes, que eles só estavam ali para brincar e que muitos deles já pagavam progressão. Também já havíamos percebido essa triste realidade por parte de muitos estudantes.

Não querendo colocar toda responsabilidade do processo educacional para o professor, o que não seria justo, mas, ao mesmo tempo, consideramos importante que o professor investigue a trajetória de vida de seus alunos, o que cada um carrega consigo e que faz parte de seu comportamento, posicionamento, atitude etc. E assim, buscar formas de ajudá-los a vencer suas crenças, deficiências e dificuldades.

No caso do aluno do 2º ano, que apesar de muito inteligente e comprometido com as aulas, mas que em certa disciplina apresentou dificuldades. Logo, indagamos: não seria o caso do professor da disciplina procurar saber o que está acontecendo com aquele estudante e assim buscar formas de ajudá-lo, antes de pensar em reprová-lo

Outra situação assustadora é o número de estudantes desistentes em todas as séries do Ensino Médio. Verifiquemos o quadro a seguir:

QUADRO Nº 1: Número de alunos desistentes no ensino médio durante o ano de 2013 nas turmas que a autora leciona na Escola "X"

TURMAS	MATRICULADOS	DESISTENTES
1º G	47 Alunos	18 Alunos
1º H	47 Alunos	14 Alunos
1º I	48 Alunos	18 Alunos
2º G	46 Alunos	14 Alunos
2º H	36 Alunos	16 Alunos
2º I	36 Alunos	24 Alunos
3º D	41 Alunos	14 Alunos
3º E	43 Alunos	5 Alunos

Fonte: Quadro construído pela autora desse artigo a partir dos dados coletados na secretaria da escola e nos diários de classe.

Como podemos observar, na turma do 1º ano G, foram matriculados 47 estudantes, mas 18 deles desistiram e apenas 29 alunos continuaram a frequentar as aulas.

Na turma do 1º ano H, foram matriculados também 47 estudantes, mas 14 deles desistiram, restando 33 alunos.

No 1º ano I, foram matriculados 48 alunos, 18 deles desistiram e 30 permaneceram.

No 2º ano G, foram matriculados 46 estudantes, desses 14 desistiram e 32 permaneceram.

No 2º ano H, 36 alunos se matricularam, 16 desistiram e 20 alunos continuaram a frequentar as aulas.

No 2º ano I, a situação é ainda pior, pois dos 36 estudantes matriculados, 24 desistiram, 4 alunos foram transferidos, restando apenas 8 alunos em sala de aula.

No 3º ano D, 41 estudantes se matricularam, 14 desistiram e 37 alunos permaneceram.

No 3º ano E, foram matriculados 43 estudantes, 5 deles desistiram e 38 alunos continuaram a frequentar as aulas.

Podemos observar que o índice menor de estudantes desistentes encontra-se nos 3º anos. O que nos leva a concluir que possivelmente pelo fato de ser o último ano para a conclusão do ensino médio, os alunos se esforçam para terminar o ano letivo e conseguir o diploma de conclusão do ensino médio.

Vale ressaltar que o número apresentado no quadro não corresponde aos alunos transferidos para outros turnos ou para outras escolas, mas apenas aos desistentes.

Então, devemos não apenas nos questionar, mas também buscarmos respostas para o que leva a um número tão grande de estudantes a abandonarem a sala de aula e os estudos. Gravidez para as meninas, a questão de ter que trabalhar para os meninos, a própria falta de interesse para o conhecimento entre outros fatores. Quais são os fatores?

Certamente, nossa pesquisa não tem respostas para essas indagações, mas deixamos aqui elas registradas para futuras pesquisas.

Outra questão que vale apenas pontuar é a questão da imagem apreciada e apreendida pelo estudante, acostumando a um cotidiano imediato, onde tudo lhe chega de forma muito rápida. Falamos disso porque em uma das atividades de classe com as turmas dos 1º anos sobre os "Deuses Gregos", foi demonstrado por parte da maioria dos alunos que eles conheciam bem a maioria dos deuses e suas características, familiaridade, o que cada um representava para a mitologia grega. Nós os interrogamos se eles tinham visto o assunto com a professora anterior e todos responderam que não, que conhecia o tema através de filmes. Uma aluna chegou até a me dar o nome de dois filmes: "*Percy Jackson e ladrão de raios*" e "*Mar de monstros*".

No entanto, é preciso frisar que, o conhecimento do senso comum que os alunos trazem, ao invés de ajudar de uma forma positiva, associando os conhecimentos dos discentes, muitas vezes, acaba atrapalhando de certa forma o seu desenvolvimento escolar, porque eles acabam substituindo o conhecimento ofertado nos livros pela imagem dos filmes. Não que a imagem (ou o recurso não-filosófico) não possa ser um meio de conhecimento, até porque seria injusto afirmar que não. O que ela não pode ser é o único meio de informação, mas sim, uma fonte, um recurso de ligação para um conhecimento mais aprofundado.

Ao trabalhar com temáticas como, por exemplo, "liberdade", percebemos que a maior parte dos alunos acredita que ser livre é o não reconhecimento de nenhum valor moral, é ser livre para fazer o que bem quiser, mesmo que isso venha a prejudicar o outro. Eles não conseguem perceber e entender, inicialmente, que a liberdade está ligada ao dever, a reciprocidade, ao fazer o bem, etc.

Em relação ao tema amor, ao interrogá-los o que para eles era o amor, muitos só conseguiam perceber pela perspectiva da relação entre pais e filhos e homem e mulher.

Aqui é importante ressaltar a importância do conhecimento filosófico enquanto ultrapassagem do conhecimento do senso comum para o aluno do ensino médio, não como forma de anulá-lo, mas de ampliar o conhecimento do aluno.

A necessidade de uma didática para ensinar Filosofia

Nos primeiros dias de aula, produzimos o material (recursos didáticos) e os conteúdos das aulas, para não ficar totalmente presos ao livro didático; também porque a maioria dos alunos não têm livros e os que têm,

não levam para a escola porque acham o livro pesado demais para carregar. Logo, pensamos que produzindo um material claro, resumido e associado a explicação, a aula ficaria mais produtiva.

Mas, a nossa preocupação não adiantou muita coisa, pois a maioria não estava nem aí para o que estava sendo tratado na aula, tão pouco para o que se escrevia no quadro; os poucos alunos que tentavam entender, mal conseguiam por causa do barulho.

Outro detalhe que dificultava bastante que os alunos compreendessem os conteúdos, e que só percebemos ao decorrer das aulas, era a rapidez na minha fala. Uma aluna até comentou que eu falava muito rápido. A partir desse momento, procuramos nos policiar mais e controlar pausadamente a fala, ficando atentos as necessidades e dificuldades dos alunos e as nossas deficiências enquanto professores para poder melhorar no processo de ensino-aprendizagem.

Nas aulas seguintes, sentimos a necessidade de trabalhar mais com o livro didático, por causa do pouco tempo da carga horária destinada à disciplina filosofia – apenas uma hora/aula semanal. Pois, a elaboração do material planejado por nós, exigia que se escrevesse todo o conteúdo na lousa, já que os alunos não tinham como ter acesso a ele, porque a instituição educativa não oferece xerox para professores e estudantes, nem os alunos têm condições financeiras para tirar cópias do material. Por outro lado, o tempo não era suficiente para a escrita.

Porém, nem todos os discentes tinham o livro, porque a quantidade de livros que chegou a escola foi insuficiente. Então, no começo do ano, os livros didáticos foram distribuídos pela professora do primeiro semestre que ficou com eles por três meses (Março à Maio) da seguinte maneira: um livro para cada três estudantes, sendo necessário que um destes ficasse responsável pelo mesmo. No entanto, a maioria daqueles que assumiram a tarefa de levar o livro nos dias das aulas, não levava por achar o livro pesado. Assim, a solução que encontramos foi levar uma determinada quantidade de livros didáticos para a sala de aula e dividir entre alguns em cada turma, para que eles pudessem acompanhar o assunto.

Daí, percebemos também que não bastava se preocupar apenas com o conteúdo a ser trabalhado, era necessário pensar estratégias para o trabalho com os conteúdos. Isto é, é necessário que se tenha didática para tornar a filosofia um saber ensinável. Mas não uma didática geral como afirmam Cerletti (2004), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (MEC/2006), Rodrigo (2009) e Libâneo (2013).

O que as bases teóricas citadas defendem é que é preciso uma didática específica para cada disciplina, neste caso, para a filosofia, por não ser essa um saber de fácil compreensão.

Porém, essa didática específica tem que ser modificada de acordo com cada situação e com o campo filosófico (conteúdo) a ser trabalhado, já que o professor não tem como ter o controle de todo o processo de ensino-aprendizado que gera o conhecimento.

Outra problemática envolvendo a disciplina filosofia diz respeito a questão da “metodologia do diálogo”. Isso significa que o educador não pode confundir qualquer diálogo ou discussão em sala de aula, como uma aula filosófica, mesmo que esteja trabalhando com conteúdos filosófico e metodologia. Isso porque, o conversar, a questão da opinião, pode tomar um caminho totalmente distorcido e fora do caminho necessário para o filosofar, para a reflexão filosófica (RODRIGO, 2009; GALLO, 2012). É necessário que o professor estimule e aguace o pensar bem do aluno (LORIERI, 2002).

Nas turmas do terceiro ano, trabalhamos com o Empirismo e o Racionalismo, para que os alunos pudessem compreender a concepção de cada uma dessas concepções, para em seguida trabalhar a questão da Ciência e o Senso comum.

A sugestão das aulas se deu através das proposta de aulas de Rodrigo (2009). Após o término desses conteúdos, passamos um trabalho em grupo, no qual cada grupo devia fazer uma pesquisa sobre os preceitos das chamada “sabedoria popular”, referente a vários aspectos. A orientação dada foi que a consulta não podia ser feita por meio da internet, mas somente através de pais, avós, pessoas mais velhas. Sendo necessário

depois, cada grupo analisar o material coletado para ver o que parece ser certo, duvidoso ou problemático em relação a esses saberes. Em seguida, houve a apresentação dos resultados dos trabalhos de pesquisas através de um seminário.

O objetivo da pesquisa era estabelecer a diferença entre o senso comum (conhecimento que não visa a investigação e a causa das coisas; conhecimento que se aprende através do contato imediato, que não busca investigar as causas e a origem daquilo que lhe é apresentado) e o conhecimento filosófico e científico. Assim, justificar a necessidade da ciência enquanto um conhecimento que visa a verdade teórica, que investiga, que trabalha com experimento, que é sistemática, que não se prende a um conhecimento prévio e imediato. Não que a ciência seja a única fonte de conhecimento, mas ela com certeza é um meio para abandonarmos esses conhecimentos que nos aprisionam e nos impedem de evoluir filosoficamente e cientificamente.

No resultado do trabalho, constatamos que a maioria dos estudantes está preso a crenças e valores que os acompanham desde sua infância e que fazem parte do meio familiar que estes estão inseridos.

Muitos dos alunos acreditam plenamente na veracidade das crenças e deixaram bem claro que não pretendem mudar de opinião em relação aquilo que sempre fez parte de seus conhecimentos familiares e que sempre deu certo.

Outros, não quiseram se posicionar.

Poucos falaram da importância de se investigar a origem e a veracidade das informações antes de tomá-las como verdadeiras. Mas mesmo assim, afirmaram que as crenças é algo tão natural que as vezes eles acabavam se utilizando delas sem nem mesmo perceber.

Vejamos alguns exemplos da sabedoria popular que os alunos trouxeram para apresentar no seminário:

- a. Uma aluna chegou a falar que creme dental dissolvido na água era muito bom para dor de barriga e que naquele mesmo dia a sua avó tinha bebido desse suposto medicamento e que a dor passou em seguida;
- b. Outra afirmou que não se pode falar o nome de crianças em frente do espelho porque a criança fica surda e não volta a falar mais;
- c. Um aluno falou que não pode deixar os calçados emborcados porque está antecipando a morte da mãe e que ele sempre fazia isso para sua mãe morrer;
- d. Uma aluna falou que quando alguém ouve uma voz lhe chamando, mas que na verdade não existe ninguém, é porque a morte que está chamando a pessoa;
- e. Uma estudante afirmou com toda convicção que não se pode beber suco de manga com leite porque provoca a morte.

É importante esclarecemos que muitas dessas crenças citadas não foram comentadas (criticadas) pelos estudantes, porque seus avós, pais etc. creem, mas, também, porque boa parte deles também acreditam nesses conhecimentos e realidade.

Aqui indagamos: qual pode ser a contribuição da disciplina filosofia diante de situações iguais a essa Como fazer o aluno se distanciar do conhecimento do senso comum para uma autonomia do seu pensar crítico

Acreditamos que a contribuição significativa da filosofia, ao abordar a própria filosofia, a educação e a cidadania, é cumprir com a sua especificidade: a ruptura com o senso comum e com o dogmatismo, propiciando a abertura para o debate, a crítica, a manifestação da contradição no âmbito da relação entre o público e o privado, naquilo que é urgente para a construção da cidadania em Alagoas (LIMA, 2010, p. 66).

Não se pode querer depositar e transmitir um determinado conhecimento para os alunos. Tão pouco, o educador não pode querer substituir de um momento para o outro o conhecimento que o estudante levou sua

vida toda para construir, pelo seu conhecimento. É preciso tempo e liberdade para o educar, para que o indivíduo possa associar o seu entendimento de mundo com aquilo que necessariamente precisa ser descoberto, desvendado e, assim, o mesmo se desvendará diante de uma nova realidade que precisa ser apreendida por meio da ação e reflexão da práxis, do diálogo, como afirma Freire (1983), mas de forma gradativa e respeitosa com o conhecimento de mundo do aluno.

Considerações finais

Fazendo uma auto avaliação desse pouco tempo em sala de aula e do medo de não corresponder às necessidades educacionais dos alunos, foi possível perceber, mais do que nunca, com a prática, que não basta apenas para o professor buscar apreender o conteúdo, é preciso saber como trabalhar esse material, como relacioná-lo a vida e o cotidiano dos estudantes, para que o conteúdo venha a ter sentido, tanto para o educador, como para o educando que carrega consigo crenças e valores que determinam sua forma de pensar e agir.

Sabemos que é necessário mostrar para os estudantes que a filosofia tem um sentido e ajudá-los a ver esse sentido e, assim, provar para nós mesmos enquanto docentes de filosofia que é possível tal tarefa.

Por isso, diante da nossa imaturidade e pouca experiência como professora, compreendemos no trabalho de campo da regência que é preciso buscar, o tempo todo, meios de tornar a filosofia um saber ensinável e que o professor se faz e se constitui em sala de aula, no processo de ensino-aprendizado, pois é ensinado que se aprende, e é aprendendo que se ensina, como esclarece Freire (1996).

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.**

Disponível em:

em: <

www.

planalto.gov.br

/ccivil_03/leis9394.htm

>>.

Acesso em: 15-12-2013.

BRASIL. MEC. Conhecimento de filosofia. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias.** V 3. Brasília: MEC, 2006.

CERLETTI, Alejandro A. Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, Walter O. (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino.** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004. p. 19-42.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação.** 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. (O mundo, hoje, V. 24).

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia.** Campinas: Papirus, 2012.

LIMA, Walter M. O ensino de filosofia no ensino médio: Problematizando a cidadania e a formação docente. **Debates em Educação**, v. 2, n. 4, p. 65-78, 2010.

LIBNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questão da nossa época; v. 2).

LIBNEO, José Carlos. **Didática.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência

em Formação)

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Da Formação à Prática Docente: algumas considerações sobre ser professor de filosofia no ensino médio em Alagoas. In: **Anais da SETEPE – Educação, Cultura e Diversidade**. Mossoró/RN: Editora Queima-Bucha, 2012. p. 188-201. ISBN: 978-85-8112-020-1 (em CD ROM).

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2009.

[i] Relato de experiência a partir do trabalho de campo vivenciado no Estágio de Regência em Filosofia no segundo semestre de 2013, orientado pela professora Ms. Elizabete Amorim de Almeida Melo – CEDU/UFAL.

[ii] Acadêmica do Curso de Filosofia/UFAL. Bolsista do Programa PAINTER/UFAL. Professora Monitora de Filosofia da Rede Estadual de ensino/AI. E-mail: percia.annas@hotmail.com

iii Acadêmica do Curso de Filosofia/UFAL. Bolsista do Programa PAINTER/UFAL. E-mail: line.sofia@hotmail.com

Recebido em: 29/06/2014

Aprovado em: 29/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: